

Por alguma estranha razão, nunca pensei que chegasse aos quarenta anos. Aos vinte, imaginava-me com trinta, vivendo com o amor da minha vida e uns quantos filhos. E aos sessenta, fazendo tartes de maçã para os meus netos, eu que nem um ovo sei estrelar, mas aprenderia. E aos oitenta, como uma velha decrépita, a beber *whisky* com as minhas amigas. Mas nunca me imaginei com quarenta anos e tão-pouco com cinquenta. E, todavia, aqui estou. No funeral da minha mãe e, ainda por cima, com quarenta anos. Não sei muito bem como cheguei aqui nem como cheguei a esta vila, que, de repente, me dá uma vontade terrível de vomitar. E creio que nunca na minha vida me vesti tão mal. Ao chegar a casa, vou queimar a roupa toda que pus hoje, está impregnada de cansaço e tristeza, é irrecuperável. Quase todos os meus amigos vieram e alguns dos amigos dela e ainda alguns que nunca foram amigos de ninguém. Está aqui muita gente e falta gente. No fim, a doença que barbaramente a destronou e destroçou sem piedade o seu reino levou-a a lixar-nos bastante a todos e isso, naturalmente, paga-se caro na hora do funeral. Por um lado, tu, a morta, lixaste-os bastante e, por outro lado, por mim, a filha, ninguém morre de amores. A culpa é tua, mamã, claro que é. Foste depositando, pouco a pouco e sem te dares conta, toda a responsabilidade pela tua felicidade decadente sobre os meus ombros. E o fardo era pesado, pesado mesmo quando me encontrava longe, mesmo quando comecei a compreender e a aceitar aquilo que se passava, mesmo quando me afastei um pouco de ti ao ver que, se não o fizesse, não serias a única a morrer debaixo dos teus escombros. Mas creio que me

amavas, não muito nem pouco, amavas-me simplesmente. Sempre pensei que aqueles que dizem «amo-te muito» na verdade amam-nos pouco ou talvez acrescentem o «muito», que neste caso significa «pouco», por timidez ou por receio da contundência do «amo-te», que é a única forma verdadeira de dizer «amo-te». O «muito» faz com que o «amo-te» se transforme em algo de apropriado para todas as ocasiões, quando, na realidade, quase nunca o é. «Amo-te», a palavra mágica que nos pode converter num cão, num deus, num louco, numa sombra. Além disso, muitos dos teus amigos eram de esquerda, hoje creio que já não se chamam assim ou que já não existem. Não acreditavam em Deus nem na vida após a morte. Recordo-me de quando estava na moda não acreditar em Deus. Hoje em dia, se dissermos que não acreditamos em Deus, nem em Vixnu, nem na Mãe Terra, nem na reencarnação, nem no espírito não sei de quê, nem em nada, olham-nos com uma expressão de comiseração e dizem-nos: «Vê-se logo que não estás minimamente esclarecida.» De forma que devem ter pensado: «É melhor ficar em casa, sentado no sofá, com a garrafa de vinho, prestando-lhe a minha homenagem especial, muito mais transcendente do que a da montanha, com os estafermos dos filhos. Afinal de contas, os funerais não passam de mais uma convenção social.» Ou qualquer coisa do género. Porque suponho que te perdoaram, se é que havia algo a perdoar, e que te amaram. Eu, em pequenina, via-os rir e jogar às cartas até de madrugada e viajar e tomar banho em pelota no mar e ir jantar fora, e julgo que se divertiam, que eram felizes. O problema com as famílias que escolhemos é que desaparecem mais facilmente do que aquelas a que nos une o sangue. Os adultos com que cresci estão mortos ou em parte incerta. Aqui, sob este sol abrasador que derrete a pele e racha a terra, certamente não estão. É uma estopada, um funeral, e uma maçada as duas horas de estrada para chegar aqui. Conheço este caminho entre oliveiras, estreito e tortuoso, como as palmas das minhas mãos. É, ou foi, apesar de não passar mais de um par de meses por ano na vila, o caminho de regresso a casa e a todas as coisas que nos davam prazer. Agora já não sei o que é. Devia ter trazido um chapéu, embora também tivesse de deitá-lo no lixo mais

tarde. Sinto-me enjoada. Acho que vou sentar-me ao lado deste anjo ameaçador, cujas asas lembram espadas, e nunca mais tornarei a levantar-me. A Carolina aproxima-se de mim, sempre atenta a tudo, e, pegando-me pelo braço, conduz-me até ao muro de onde se avista o mar, muito próximo, no fim de uma ladeira de oliveiras estafadas, de costas voltadas para toda a gente. Mamã, prometeste-me que quando morresses a minha vida estaria encarreirada e em ordem e que a dor seria tolerável, não me disseste que teria vontade de arrancar as minhas próprias vísceras e comê-las. E disseste-o antes de começares a mentir. Houve um momento, não sei porquê, em que tu, que nunca mentias, começaste a fazê-lo. Os amigos, que, no fim, pouco se relacionaram contigo e recordam a pessoa gloriosa que eras há dez ou dez mil anos, esses, sim, vieram. E as minhas amigas, a Carolina, a Mercé, a Elisa e a Sofia. Mamã, acabámos por decidir não enterrar a *Patum* contigo. Não estamos no Egito dos faraós. Já sei que dizias que, sem ti, a vida dela não faria sentido, mas, por um lado, é uma cadela enorme e não ia caber no nicho (imagino os dois coveiros a empurrá-la pelo rabo, como tantas vezes fizemos no mar alto, depois do banho, para ajudá-la a subir para o barco pelas escadas) e, por outro, essa coisa de ser sepultada com o cão é certamente ilegal. Mesmo que estivesse morto como tu. Porque tu estás morta, mamã. Há dois dias que o repito, que o repito a mim mesma e que faço essa pergunta às minhas amigas, não vá ter havido algum engano ou eu ter entendido mal, mas de todas as vezes me garantem que o impensável aconteceu. À exceção dos pais dos meus filhos, só aqui está um homem interessante, desconhecido. Estou em vias de desmaiar com o choque e o calor e, ainda assim, continuo a ser capaz de detetar imediatamente um homem atraente. Deve ser o instinto de sobrevivência. Interrogo-me sobre qual será o protocolo para engatar alguém num cemitério. Pergunto-me se virá dar-me os pêsames. Penso que não. Cobarde. Cobarde bonito, o que faz um cobarde bonito no funeral da minha mãe, a pessoa menos cobarde que conheci em toda a vida? Ou talvez essa rapariga ao teu lado, a apertar-te a mão e a olhar-me com curiosidade e insistência, seja a tua namorada. Não é um pouquinho baixa de mais para ti? Pois bem, namorada anã de

misterioso cobarde, hoje é o dia do enterro da minha mãe, tenho o direito de fazer e de dizer o que me apetece, não? Como se fosse o dia dos meus anos. Não me queiras mal por isso.

O funeral chega ao fim. Vinte minutos no total, no meio de um silêncio quase absoluto. Não houve discursos, nem poemas (juraste levantar-te da tumba e perseguir-nos para todo o sempre se deixássemos algum dos teus amigos poetas recitar alguma coisa), nem orações, flores ou música. Teria sido ainda mais rápido se os velhos encarregados de enfiar o féretro no gavetão não fossem tão desajeitados. Compreendo que o homem atraente não se tenha aproximado para mudar a minha vida, se bem que, por outro lado, não me ocorra momento mais apropriado e necessário para o fazer, mas podia ao menos ter ajudado os velhos quando o féretro quase lhes caiu ao chão. Um deles exclamou: — Maldição! — Foram as únicas palavras proferidas no teu funeral. Parecem-me muito indicadas, muito exatas. Suponho que, a partir de agora, cada funeral a que assista será o teu. Descemos a encosta. A Carolina pega-me na mão. Pronto, acabou. A minha mãe morreu. Creio que me vou recensear em Cadaqués. Agora que moras aqui, é o melhor.